

A solid red vertical bar runs along the left edge of the page.

A Ditadura No Regime Militar

INTRODUÇÃO: De 1964 a 1985, o Brasil viveu a Ditadura Militar, uma época em que os militares passaram a governar o país. Esse regime de governo foi chamado de ditadura, pois os governantes não eram escolhidos pela população e quem discordava do governo podia ser preso. O Congresso Nacional não podia controlar os generais presidentes. Os sindicatos, as universidades e os jornais eram vigiados pela polícia. Em seus 21 anos de duração, o regime militar exerceu uma pressão permanente e sufocante sobre a vida artística e cultural. Proibiu peças de teatro, mutilou canções, censurou filmes, prenderam artistas, escritores, jornalistas, compositores etc.

A Cultura

:Durante a Ditadura, mesmo com a censura, a cultura brasileira não deixou de criar e se espalhar pelo país e a arte se tornou um instrumento de denúncia da situação do país. Dos festivais de música despontam compositores e intérpretes das chamadas canções de protesto, como Geraldo Vandré, Chico Buarque de Holanda e Elis Regina. No cinema, os trabalhos de Cacá Diegues e Glauber Rocha levam para as telas a história de um povo que perde seus direitos mínimos. No teatro, grupos como o Oficina e o Arena procuram dar ênfase aos autores nacionais e denunciar a situação do país naquele período.

Jornais: Durante o regime militar, os órgãos de comunicação foram duramente vigiados para que nenhum tipo de informação ofensiva contra o governo chegasse ao conhecimento da população. Afinal de contas, o impacto de uma denúncia ou a realização de alguma crítica poderia instigar a oposição ao governo e, em pouco tempo, ameaçar a longevidade do regime de exceção que controlou a nação brasileira por praticamente duas décadas. Muitas vezes, o mecanismo de repressão do governo nem precisava chegar a anular a publicação de uma matéria pronta. Os próprios editores e jornalistas sabiam que tipo de notícia poderia inflamar os ânimos dos representantes do regime. Em alguns casos, antes que uma notícia fosse divulgada, era comum que os censores enviassem bilhetes ou fizessem ligações que já determinavam aquilo que não iria para as páginas de jornal. Já em outras situações, a visita de um censor empreendia um controle ainda maior. Para que algumas informações fossem repassadas, os comunicadores dessa época utilizavam de uma série de recursos para então divulgar mensagens bastante sugestivas.

Teatro: O teatro conheceu um esplendor que não resistiria à asfixia causada pela censura e pela repressão. Resultava do trabalho realizado, em especial, por dois grupos, o Oficina, em torno de seu diretor José Celso Martinez Corrêa (no exílio de 1974 a 78), e o Arena, em torno de Augusto Boal (no exílio a partir de 1969), que se dedicaram a criar uma dramaturgia brasileira e uma nova formação do ator. Escreveram e encenaram com muito sucesso, durante vários anos, originando vocações, peças, espetáculos e revelações de ator.

Extremamente engajados, e invocando Brecht como nome tutelar, vincariam a história do teatro no país. Ambos os grupos seriam dizimados pelo AI - 5, Ato Institucional, que deflagrou o terror de Estado e exterminou aquilo que fora o mais importante ensaio de socialização da cultura jamais havido no país (Vasconcellos, 1987).

Houve experiências idealistas e bem intencionadas, como o CPC do movimento estudantil. A UNE, através do CPC (Centro Popular de Cultura), que procurava levar a arte ao povo, sem temor da mão-de-ferro e a vontade do governo militar de dificultar esse contato "inapropriado" a seus objetivos. Além do mais, Brecht transformara o teatro em arma política no século XX, sabendo se apoderar da sua grande força de comunicação e a capacidade de mobilizar as pessoas. Atores e diretores não podiam dar as costas a essa influência arrebatadora, principalmente na década de sessenta, quando o mundo assistia a uma reviravolta dos costumes e, no Brasil, cresciam os infames mecanismos de repressão e censura. Para bloquear o avanço desse teatro, estagnar o elo estreito entre o palco e a política, os militares estendem um "cordon sanitaire" entre o público e os artistas. A censura e a perseguição acirram-se. Quem não se lembra do ator Klaus Maria Brandauer no papel do ator devorado pela ambição em Mephisto? Cai sobre todos que vivem a arte, o dilema cruel que consumiu o protagonista, do diretor húngaro István Szabó (Magaldi, 1989).

Radio: O rádio teve uma importância muito grande no contexto do golpe e do regime militar. Vários momentos históricos foram transmitidos por esse meio de comunicação, a ditadura se utilizou dele para veicular programas oficiais e propagandas, e a resistência contra a ditadura também passou pelas ondas radiofônicas. Nesse período, o rádio ainda era parte fundamental do cotidiano da população brasileira.

Na década de 60, as maiores interferências políticas na programação das rádios se deram durante o período da ditadura militar. Antes de ir ao ar, os sripts deveriam ser levados ao censor dos militares. Se na programação estivessem escaladas músicas de cunho ideológico, como as de Chico Buarque, ou de conteúdo pornográfico, essas músicas eram retiradas da programação e a Rádio recebia uma advertência. Caso incorresse no erro, era punida. Mas, segundo Carlos Cidon, isto quase não acontecia, porque as rádios obedeciam os censores por medo.

Televisão:

Até meados da década de 60, ter um aparelho de televisão em casa não era para qualquer um. Somente as elites tinham acesso a essa tecnologia. Mas após a implantação da Ditadura, os militares perceberam que a televisão poderia ser um efetivo meio de comunicação do Regime. Contando sempre com a ajuda norte-americana, se tornou cada vez mais fácil adquirir um aparelho televisor. E o Governo aproveitava isso para propagar as idéias do Regime, para bem-dizer o país. A televisão, principalmente após a implantação do AI-5, se tornou a porta-voz da ditadura. A ideologia da segurança nacional (para conter o perigo vermelho) e o desenvolvimento do país eram temas sempre frequentes. Todas as obras faraônicas (como a Ponte Rio-Niterói) eram anunciadas como os grandes feitos do Governo. Os horários-nobres eram sempre os momentos de difusão dos atos do Estado e do que se objetivava fazer.

No entanto, alguns canais e/ou programas buscavam se manter contra ou, pelo menos, neutros, com relação à Ditadura. Mas era preciso "dançar conforme a música", e portanto não era tão fácil ir contra as idéias do Regime.

A televisão buscava levar (em casos extremos, como a Globo, representada acima) à adulteração da consciência e da cultura, sintomas da indústria cultura e da cultura de massas. Era uma articulação entre bem-estar social e interesses do Estado.

Danças: A origem da dança cênica soteropolitana data do período entre 1956 e 1962, pela representatividade institucional de suas três vertentes formativas: a dança contemporânea na Escola de Dança da Universidade da Bahia, a dança folclórica no Grupo Folclórico Viva Bahia e o balé clássico na Escola de Balé do Teatro Castro Alves. Diante do quadro nacional de desmantelamento artístico provocado pelas ações dos órgãos de censura, surgiu o questionamento acerca da forma como a dança cênica, em Salvador, dialogou com o sistema político ditatorial. O objetivo desse estudo é identificar não apenas se a dança foi censurada, mas quais estratégias poéticas viabilizaram o seu desempenho

Danças: A origem da dança cênica soteropolitana data do período entre 1956 e 1962, pela representatividade institucional de suas três vertentes formativas: a dança contemporânea na Escola de Dança da Universidade da Bahia, a dança folclórica no Grupo Folclórico Viva Bahia e o balé clássico na Escola de Balé do Teatro Castro Alves. Diante do quadro nacional de desmantelamento artístico provocado pelas ações dos órgãos de censura, surgiu o questionamento acerca da forma como a dança cênica, em Salvador, dialogou com o sistema político ditatorial. O objetivo desse estudo é identificar não apenas se a dança foi censurada, mas quais estratégias poéticas viabilizaram o seu desempenho

Musica:Podemos dizer que a música popular brasileira teve uma fase áurea durante o regime militar. Se bem que alguns expoentes da área, como Roberto Carlos, flertavam com os militares, o que de melhor foi produzido por aqui na música popular foi daqueles autores que contestavam o regime. Nomes que até hoje marcam a mais alta qualidade da MPB, como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Edu Lobo, produziram suas obras primas em corajosas manifestações de enfrentamento aos instrumentos de repressão.

Musica: Podemos dizer que a música popular brasileira teve uma fase áurea durante o regime militar. Se bem que alguns expoentes da área, como Roberto Carlos, flertavam com os militares, o que de melhor foi produzido por aqui na música popular foi daqueles autores que contestavam o regime. Nomes que até hoje marcam a mais alta qualidade da MPB, como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Edu Lobo, produziram suas obras primas em corajosas manifestações de enfrentamento aos instrumentos de repressão.

Conclusão

Hoje em dia estamos muito acostumados a falar sobre a ditadura no Brasil, falamos sobre ela, lemos sobre ela e não sabemos por exato como ela foi. Nos é passada uma informação no qual acreditamos, sendo que não estávamos lá para saber o que ocorria. A palavra ditador vem do latim dictator : "aquele que diz". O nome é certo para tal político que usa sua força para mandar nos outros. O Brasil passou por maus momentos com o regime militar, sua dívida externa aumentou e o país foi para o buraco. As opiniões são muitas, cada um tem a sua conforme suas idéias, mais podemos dizer que as ditaduras são ruins pois se caracterizam por falta de liberdade, expressão, sentimentos e garantias individuais. Nós, meros alunos, acreditamos em uma política boa para melhorar nossa situação de cidadãos, acreditamos também que é nosso dever ajudar o país, e o começo disso tudo é estudando e tendo boas informações para que no futuro nós possamos lutar e defender nossa pátria.